

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

FOLKLORE AÇORIANO

II

(Continuação)

O meu amigo e distintissimo folclorista Dr. Leite de Vasconcellos, no seu *Estudo ethnographico a proposito da ornamentação dos jugos e cangas dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho*, accentuou alem das interessantes conclusões a que o conduziu o estudo dos symbolos, tanto extinctos como vivos, empregados nessa ornamentação o curioso facto da distribuição geographica desses jugos ornamentados, que elle encontrou apenas á beira mar, na limitadissima zona desde o Minho ao Douro, e divergindo nos ornatos conforme as localidades. Em S. Miguel tenho visto tambem os jugos e as cangas ornamentadas, principalmente nas festas do Espirito Santo; mas não posso assegurar que exista qualquer relação entre os seus ornatos e os que vêm reproduzidos nos desenhos que acompanham o opusculo a que me estou referindo. Em todo o caso, se a distribuição geographica indicada por Leite de Vasconcellos é de facto tão restricta, o facto da apparição das cangas ornamentadas em S. Miguel, e proventura em qualquer das outras ilhas, é muito interessante para a nossa ethnologia.

Por este exemplo torna-se facil comprehender a utilidade do estudo dos monumentos, e pelo que respeito á exploração das fontes escriptas tenciono falar dellas depois, em um artigo especial. Primeiramente, porém desejo occupar-me do povo, isto é, da tradição oral viva, que é aquella que todos podem facilmente interrogar, e em que ha immenso para colligir. Ouvir da bôca delle e escrever o que se ouve é tarefa bem simples, e comtudo, de uma alta utilidade. Quem tenha criterio para distinguir o que é genuinamente po-

pular, e consciencia para não deturpar, prestaria um grande serviço á sua terra e á sciencia, se comprehendesse tal tarefa.

III

Antes de me referir em especial a cada um dos elementos constitutivos da litteratura oral açoriana e aos factos principaes da sua ethnographia tradicional, parece-me opportuno registrar aqui uma rapida indicação bibliographica do folk-lore dos Açores. Quem se consagra á recolher as tradições, os cantos e os contos das ilhas necessita, indispensavelmente, alem da preparação geral, conhecer o que se tem feito e apurado já á tal respeito. Não tem sido muito, e o campo que resta para explorar é bastante vasto. Assim houvesse boa vontade! Nesta tarefa intelligente e patriótica, de recolher e colleccionar os productos da imaginação popular, as legendas, os romances, as cantigas soltas, em que a alma anonyma da legião se expande, e tudo com que ella se alvoroça, as senhoras açorianas poderiam ter um papel importante. O exemplo não lhes falta. Entre outras, Miss Busk colligio o folk-lore de Roma; D. Emilia Pardo Bazan explorou o cancionero hispanhol; e Mad. Heinsberg-Duringfeld na Belgica, Elisabeth Charlotte na Allemanha e a Sr.ª Conadi Verti na Italia deram igualmente o seu contingente para a grande obra ethnologica. Em Portugal, depois das investigações de D. Maria Peregrina de Sousa, poderemos citar os trabalhos valiosos das Snr.ªs D. Carolina Michaelis de Vasconcellos e D. Cecilia Schmidt Branco. E até em S. Miguel, uma distincta senhora da nossa primeira sociedade occupou-se, com muito amor, em investigar o romanceiro popular, pondo o resultado dos seus trabalhos nas mãos do meu mestre e amigo sr. dr. Theophilo Braga, que

Para a mulher china, cuja existencia decorre tão monotona e triste, è um minuto de gloria o instante em que toma parte principal na marcha de nupcias. Então ella è a soberana, o idolo.

A cadeira da noiva vae na frente do cortejo, precedendo mesmo as dos mandarins mais graduados, mandarins civis e militares.

Qualquer elevado personagem chinês e a sua escolta suspenderão a marcha ou tomarão por outra rua para dar passagem à liteira velada que transporta para casa de seu marido a humilde rapariga do povo. Esta hora triumphal apenas sôa uma vez na vida de mulher.

A viuva que torne a contrahir nupcias já não tem direito a essas homenagens, aos estofos de purpura, pomposo cortejo, em que se ouvem os dos pifanos e atabales.

Essa realza de um dia, a fuga rapida das felicidades humanas e da mocidade tão depressa gasta, são descriptas com melancolia, pelo proverbio: «Só uma vez na vida se sobe à cadeira vermelha.

Casamentos na China

Na China, as familias combinam o casamento, sem mesmo os noivos se conhecerem.

Limitam-se a consultar os sacerdotes para que indiquem o dia proprio para a cerimonia. No dia designado, a donzella è conduzida à casa do esposo dentro de uma cadeirinha fechada, seguida das pessoas que levam o dote, consistindo em mobílias e roupas mettidas em caixas.

Se a familia è opulenta, um grande cortejo de creados segue a cadeirinha com lanternas. A cadeirinha è cercada pelos paes, parentes, amigos, e musicos. Um creado de confiança è encarregado da chave da cadeirinha, chave que só deve entregar ao esposo, que espera a noiva á entrada da porta.

Chegada a cadeirinha ao seu destino, o servo passa a chave ao noivo. Este abre a porta e pela primeira vez se encontra em face da noiva. Se esta lhe agrada, fal-a entrar em casa e considera-se celebrado o matrimonio; se não fica satisfeito, fecha a porta, despede o cortejo e fica exonerado de qualquer compromisso. Perde porém o direito ao dinheiro e aos presentes que deve ter dado aos paes da menina antes d'ella ter sido conduzida a sua casa.

os tem aproveitado para os seus estudos.

Segue a bibliographia, que neste momento me occorre do folk-lore açoriano:

- 1 Francisco Manoel Raposo d'Almeida: *Costumes Michaelenses* (Cantos dos Reis. U-na procissão. O monge da Caloura) No *Mosaico* (Lisboa) 2.º vol. p. 2, 17, 169, 177 e 185. 1810. (N.º 867 da *Bibliotheca Açoriana*).
- 2 Augusto Wahlen: *Mœurs, usages et coutumes de tous les peuples du monde. No vol. L'Europe*, p. 282, costumes do archipelago dos Açores. Bruxellas 1814. (N.º 2666 da *Bibliotheca Açoriana*).
- 3 *As petas de abril nas ilhas dos Açores*. No n.º 201 do *Escudo*. Angra, 1849. (N.º 2187 da *Bibl. Aç.*)
- 4 *Revista dos Açores*. Ponta Delgada, 1851-1854. Contem os seguintes artigos: Cantos de Janeiro, p. 21; Entreabertos, p. 30; Carnaval, p. 33; Licontropos; p. 38; Superstições, tremção, eoderniz, lavandeira, p. 66; Maias, p. 70; Imperios do Espirito Santo (artigo de B. J. de Sousa Freitas, reproduzido no *Archivo dos Açores*, I, p. 182 71.) p. 78, 85, 113; Espirito Santo, p. 89; Vocabulario florense, p. 94; S. João p. 101; Pão por Deus, p. 177; S. Martinho, p. 181; Superstições michaelenses, p. 227 do vol. I; Petas d'abril, p. 275 do vol. II
- 5 Francisco Maia Supico: *Superstições e prejuizos populares*. No *Almanach do archipelago dos Açores* para 1868. Artigo reproduzido na *Civilização* n.º 142 de 26 de outubro de 1878, e extractado pelo sr. Adolpho Coelho na *Revista de ethnologia e de glotologia*.
- 6 Theophilo Braga: *Contos populares do archipelago açoriano*. Porto, 1869.
- 7 Th. Br. *Contos tradicionais do povo portuguez*. Porto. (Traz varios contos michaelenses).
- 8 Dr. Felix José da Costa Sotto Mayor: *O minho* (costumes açorianos). Artigo com uma gravura no *Almanach popular dos Açores* para 1872. (N.º 2338 da *Bibl. Aç.*)
- 9 *Contos e poesias açorianas*. Horta, 1873. typ. Hortense. 236 pag. (N.º 2793 da *Bibl. Aç.*)
- 10 Th. Braga: Artigo sobre superstições dos açores na *Harpa* (1876) p. 611.
- 11 Th. Br.: *Pequeno estudo sobre o conto da Carochinha na Revista de Estudos Livres*, 2.ª vol., p. 65 sgg. 1884.
- 12 Arruda Furtado: *Materiaes para o Estudo anthropologico dos povos açorianos. Considerações sobre o povo michaelense*. Ponta Delgada, 1881.
- 13 Theophilo Braga: *O povo portuguez nos seus usos crenças e costumes*. 2 volumes. Lisboa, 1885. (Cita muitas superstições e usos açorianos).
- 14 Joaquim Candido Abranches: *Costumes michaelenses. Alvorada de S. Pedro* Na *revista do Minho*, anno de 1885, p. 33 (Artigo que supunho ser reproduzido do *Almanach de Lembranças*).
- 15 *O Contrabandista*. Folhetim (de Eugenio Moniz) no *Diario de Annuncios*, n.º 194 de 1 de setembro de 1885.
- 16 Armando da Silva. Na *Revista do Minho*, vol. I. de 1885, os seguintes artigos: Os contos enigmaticos, p. 70 (Cfr. a respeito do conto publicado uma nota do sr. Leito Vasconcellos, a p. 71 e um artigo do sr. Adolpho Coelho, a p. 731; O padre nosso pequenino, p. 87; Dias aziagos, p. 89.
- 17 F. M. Supico: *As festas do Espirito Santo*. Folhetim da *Persuasão*, n.º 1279 de 28 de julho de 1886.
- 18 Ernesto Rebello: *Imperio das Sete Cidades*. Folhetim da *Persuasão*, n.º 1278 de 30 de junho de 1886.
- 19 Armando da Silva: *O Padre nosso maior*. Na *Revista do Minho*, n.º 5 do vol. II. 1886.
- 20 Th. Braga *O Conde da Luz Bella*. Na *Rev. Lusitana*, I, p. 20. sgg. 1887.
- 21 Th. Braga: *Ampliações ao romanceiro das Ilhas dos Açores*,

- Na *Revista Lusitana*, I, p. 99 sgg. 1887.
- 22 Sylvio Romero: *Contos populares do Brazil*. 2 volumes. Lisboa, 1887. (Nas notas de Th. Braga, vom publicados alguns romances açorianos).
- 23 *Uma Carta de Namoro*. Folhetim no *Diario de annuncios*, n.º 621 de 19 de Fevereiro de 1887.
- 24 Gabriel d'Almeida: *Fastos Açorianos*. Lisboa, 1889. (Constitue o n.º 174 da *Bibliotheca do Povo e das escolas*).
- 22 Arm. da Silva. Na *Revista do Minho*, vol. V, de 1889, os seguintes artigos: Padre nosso pequenino, n.º 1; Formulas populares, n.º 4; Contos populares açorianos, n.º 15.
- 26 Th. Braga: *Cancioneiro popular das ilhas dos Açores*. Na *Rev. Lusitana*, vol. II, p. 3 sgg.
- 27 Henry R. Lang: *Tradições populares açorianas*. No mesmo jornal e mesmo volume.
- 28 Arm. da Silva: *Mythographia açoriana*. No *Tempo*, n.º 493 de 31 de maio de 1890.
- 29 Arm. da Silva: *Um romance açoriano*. No mesmo jornal, n.º 895 de 25 de Setembro de 1891.
- 30 Arm. da Silva: Pequena nota sobre o conto popular da filha que amamenta o pae. No *Diario de Annuncios*, n.º 1864 de 24 de abril de 1891. (Reproduzido da *Rev. do Minho?*).
- 31 Joaquim de Menezes: *O S. João de Boston e o S. João dos Açores*. Folhetins do *Diario de Annuncios*, n.ºs 2563 a 2566 de 4 a 7 de setembro de 1893.
- 32 Henry H. Lang: *Notas Açorianas*. Na *Rev. Lusit.*, vol. III, p. 80 sgg. 1893-1894.
- 33 Arm. da Silva: *Parodias Populares*. Na revista lisboense *Actualidades* vol. I. 1895.
- Em via de publicação na *Revista do Minho*, do que é proprietario e director o meu amigo e devoto folklorista minhoto J. da Silva Vieira, tenho actualmente outros trabalhos sobre o folk-lore açoriano.
- Alem das publicações citadas, torna-se tambem conveniente o manuscamento das varias collecções

folkloricas nacionaes, e especialmente do *Cancioneiro e romanceiro geral* de Th. Braga, das *Tradições populares de Portugal* de Leite de Vasc., do *Romanceiro do archipelago da Madeira* de Alvaro Rodr. de Azevedo, dos *Jogos populares e infantis* e dos *Contos populares portugueses* de Coelho, etc.

Para a parte comparativa torna-se necessario o conhecimento de um grande numero de trabalhos estrangeiros, sendo as obras allemas as melhores do genero, e das revistas especiaes. Este trabalho porem, não pôde ser feito nas ilhas, onde todos os recursos bibliographicos escasseiam. O trabalho de colleccionação, de resto, é já por si um trabalho arduo e laborioso, que demanda muita paciencia, absoluta sinceridade, intelligencia perspicaz, e principalmente um grande cabedal de boa vontade.

Armando da Silva



OS CASAMENTOS EM PEKIM

Na China, os rapazes e as raparigas casam-se muito novas. O matrimonio é combinado com muita antecipação, quando os futuros conjuges são ainda creanças, pelos chefes das duas familias. Os noivos não são consultados para a sua união, nem mesmo se conhecem.

O marido verá o rosto da mulher pela primeira vez, quando esta descer do palanquim vermelho á porta da sua nova habitação.

A's vezes, porém, o esposo, se não pôde escolher a sua metade, consegue pelo menos, averiguar por terceiro os merecimentos, o character e a figura da donzella.